



RELATÓRIO DA PLENÁRIA NO COMBU E ILHAS ADJACENTES

Data: 17.05.2024

Horário: 15h

Local: Bar do Boá

✓ **Saudação:** Joelma Ferreira

Joelma deu as boas-vindas e explicou do que se tratava o evento. Fez uma pequena apresentação sobre o que é o fórum e qual o objetivo das plenárias. Que o evento tem por objetivo discutir as questões das mudanças climáticas, as problemáticas climáticas. Falou que o objetivo é construir o Plano de Mudanças Climáticas de Belém. Agradeceu as associações de barqueiros e dos moradores.

✓ **Representações da comunidade**

- Alunos da E. M. São José
- E.M.N.S. Navegantes
- Anexo Santo Antônio

Entidades:

- Associação de Moradores do Periquitaquara
- Associação das Andirobeiras.
- Associação de transporte do Combu
- Comunidade Católica Santo Antônio Periquitaquara.
- Cooperativa de barqueiros do Murutucum
- Cooperativa Ilha grande
- Cooperativa de barcos escolar
- Associação de moradores produtores rurais
- Associação Quilombola do Itacoã



✓ **Saudações dos convidados do dispositivo:**

- Sérgio Brazão (Coordenador do FMMCB)

Agradeceu a todos por estarem ali, disse que estava muito feliz com a presença de todos, pois se estavam ali, é porque estavam com vontade de contribuir, de falar, de ajudar, de falar da sua vida, de falar dos seus problemas, disse que aquele era o momento de ouvir. Ressaltou um estudo feito sobre a ilha, que ele enquanto professor e pesquisador da UFRA, desenvolveu e descobriram algo muito importante sobre a ilha, que é o solo, que é um solo rico, que as pessoas não valorizam e que quando a gente tira alguma árvore dessas ilhas, o solo volta para “caminhar” junto com o rio, por isso que o rio é barrento, a água do rio é barrenta, porque ele é composto desse solo que foi depositado em 10 mil anos para formar essas ilhas. Então é por isso que a gente precisa preservar a vegetação, não tirar vegetação nenhuma da ilha, precisamos preservar as características do solo.

- Marinor Brito (Secretária do FMMCB)

Agradeceu a família do proprietário do bar pela receptividade, agradeceu aos barqueiros, saudou os educadores. Falou que todos sabem os problemas graves de origem ambiental que tem acontecido no mundo, todos estão acompanhando a situação do Rio Grande do Sul. Ressaltou os impactos das mudanças climáticas, chegando à conclusão que quem mais sofre com os desastres são as pessoas mais pobres. Disse que precisamos discutir as questões que geram problemas, como poluição, desmatamento, e questões que geram problemas de saúde. Precisamos parar para pensar nessas questões e nas possíveis soluções. Explicou o que será o plano de mudanças Climáticas e que esse plano vai nos orientar quanto ao que precisa ser feito. Esse plano vai nos orientar como enfrentar as questões de desigualdades social e ao mesmo tempo nos ensinar a viver em harmonia com a natureza.

- Claudionor Correa (Coordenador da Defesa Civil)



Falou da felicidade em ver a participação popular, principalmente da juventude. Destacou que a gente vem acompanhando as mudanças climáticas no Brasil todo. Afirmou que o processo de erosão, de enchentes e de alagamentos foi alertado pela defesa civil há alguns anos, mas não foi levado em conta pelos representantes públicos que estavam no poder anos atrás. O processo de mudança climática está aí e muitas pessoas estão sendo atingidas, pois políticas de contenção não são feitas. Disse que ao expor as questões para o prefeito Edmilson, eles foram enfim ouvidos e desde então têm traçado e planejado medidas de contenção.

- Victor Catete (SEMMA)

Ressaltou que a SEMMA tem ido ao encontro da população para entender como os recursos ambientais são utilizados pelas pessoas, focando na fiscalização também. Frisou a importância de entendermos que como utilizamos os recursos interfere diretamente na saúde. E perguntou como funciona a coleta de lixo na ilha, para que a SEMMA possa pensar em ações para auxiliar a população.

- Professor Jenijúnior (SEMEC)

Falou que é um momento histórico para as ilhas, disse que a mudança climática está diretamente ligada a nosso modo de produção, de vida, que não tem limite para a exploração das águas, dos campos e das florestas. Afirmou que o povo da ilha é invisibilizado, e extremamente explorado, questionou onde estão os peixes, onde estão os camarões, que são impactados pelos transportes que passam pela ilha sem nenhuma fiscalização, disse que precisamos discutir, refletir e ter mudanças de hábitos, inclusive os próprios moradores. Destacou que esse território das ilhas precisa ser levado em conta, precisam ser reconhecidos, os territórios rurais precisam ser levados em conta. Parabenizou a todos que estão construindo esse novo momento.

- Professor Welison



Ressaltou a importância de dar ouvidos aos cientistas, que aconteceu isso no RS, pois os cientistas não foram ouvidos. Disse que as mudanças climáticas interferem em tudo, deu o exemplo de hoje todos precisarem usar um ventilador na ilha, e isso tem um impacto direto em muitas questões, impacta nas despesas, no orçamento. As mudanças climáticas impactam diretamente, são reflexos no nosso dia a dia. Que essa plenária é muito importante para pensarmos e discutirmos essas questões climáticas, precisamos perceber como mudou. Se hoje não conseguimos viver sem ventilador, imagina daqui um tempo, portanto temos que discutir e repensar nossas atitudes. Parabenizou a discussão que o fórum tem promovido, e afirmou que deseja que todos nós possamos juntos transformar a realidade.

- Fabiane (Estudante da Escola São José, representando a juventude)

Se apresentou e disse que a COP pode trazer benefícios pra gente, que devemos evitar poluições, precisamos nos posicionar e evitar jogar o lixo, preservar. Frisou a questão da água, que não podemos jogar lixo para não sofrermos com isso, e não cortar as árvores. E também afirmou que os turistas que vem pra ilha com seus jets, suas lanchas, sem nenhuma fiscalização, afastam os peixes. Precisamos cuidar da natureza para não acontecer mais tragédias.

- Ednei Nascimento (Presidente da Associação da Ilha do Combu)

Destacou a extrema importância dessa discussão, e colocou alguns pontos para serem levados em consideração por esse fórum: É importante a discussão climática, é, mas precisamos colocar dentro da discussão um plano de preservação. Não adianta falar em mudanças climáticas, se não tivermos um olhar para as ilhas, precisamos ter um conselho de protocolo de consulta para organizar as coisas, orientando tudo o que vem para a ilha, pois as coisas são discutidas e resolvidas e eles nem sabem, disse que as coisas são decididas, mas eles são sempre os últimos a saber. Se as coisas não forem organizadas, daqui a pouco haverá carro, haverá moto na ilha e os moradores vão ser totalmente prejudicados. O fórum precisa criar políticas para preservar as ilhas e manter a floresta em pé. Reivindicou



que não tem um porto adequado para eles subirem para Belém, é muita dificuldade para subir, principalmente para os idosos. Afirmou que precisamos ter a floresta em pé e o respeito aos nossos ancestrais, se não fizermos algo agora, daqui mais alguns anos, não teremos mais a ilha do COMBU, pois tem acontecido uma erosão desenfreada. Fez um pedido para a SEMMA verificar essa situação.

- Marcos Silva (Associação Quilombola Itacoã)

Parabenizou a iniciativa do evento, disse que era a primeira vez que estava participando de um evento voltado para essa questão da COP, que muitas pessoas não sabem o que é COP. Relatou que há uns anos atrás houve um evento em Belém, em 2002 que foi a Conferência Mundial, fórum Mundial Social, para muitos ribeirinhos e pessoas que moravam na região metropolitana de Belém, foi uma surpresa, inclusive para os quilombolas, que na época sobreviviam da produção de carvão, porque a fiscalização no Rio era intensa. Disse que a COP não vai ser diferente para muitos, porque eles, os quilombolas, que são os principais responsáveis pela preservação da floresta, estão “ficando de lado”, afirmou que eles não estão sendo chamados, não estão sendo ouvidos, e gostaria de saber de que forma serão beneficiados. Disse que entende que é um evento de hoje é a nível de município, mas como já foi falado, quando se fala de natureza, não tem fronteira, e ele acredita que a ilha tem uma ligação direta com Belém, afirmou que Belém não tem como crescer mais para lá (cidade), então vai crescer para a região das ilhas, assim precisa haver uma organização para receber esse crescimento, que não tem como impedir, mas é possível organizar, e são eles que podem instruir quanto a isso, pois eles sabem de que forma sobreviver dentro da floresta sem destruí-la, eles têm conhecimento dos nossos ancestrais, eles sabem como fazer. Ratificou, então, que a COP pode ser um evento muito bom para alguns, mas para outros, se não houver um diálogo, não vai servir de nada, se não deixar um legado. Disse que a comunidade que ele mora é uma comunidade muito bonita, próxima de Belém, uma comunidade que tem um potencial turístico muito grande, e igarapés, tem balneários, não tem pousada ainda, mas tem estrutura para receber o turista, para hospedar e para se organizar até o acontecimento desse evento. Agradeceu e



perguntou de que forma eles podem ser inseridos nesse processo.

- Ana Alice (Secretaria da Cooperativa de transporte da ilha do Combu)

Parabenizou a organização do evento, porque é muito importante, muito se discute, muito se fala em COP30, porém a população precisa ser ouvida, já que é ela que está inserida dentro desse contexto amazônico, nós somos a Amazônia mais perto da cidade, então os olhares de quem vai chegar, de quem vem, todos vão estar aqui, voltado à ilha do Combu. Afirmou que eles são o foco da Amazônia, e apesar de serem o foco, não estão focalizados, reiterou que eles precisam ter as representações dentro de tudo quanto é organização que esteja tratando de COP30, porque estão tratando do que é nosso, a Amazônia é nossa, e às vezes tratam do que é nosso sem ter o nosso consentimento. Hoje existem tantas empresas dentro da ilha, que eles nem sabem, só sabem quando já está montada ali, que não há fiscalização, a SEMMA precisa fiscalizar. As pessoas vão só chegando, vai chegando gente, e a ilha está ficando cheia, e com isso acontece o desmatamento, e eles acabam perdendo os espaços. Afirmou que daqui mais uns anos, se continuar assim é preocupante, é possível até que uma ponte seja construída, sem eles participarem do processo, porque o poder público não pergunta para eles sobre questões tão importantes. Destacou mais uma vez que eles precisam ser ouvidos, e fez um apelo que não esqueçamos deles, que não esqueçamos que eles são os protagonistas deste momento.

✓ AVISO

Gabriel: Divulgou um projeto que está sendo realizado desde o ano passado, com as crianças da ilha, que se chama Orquestra Ribeirinha da Amazônia. Que ainda é embrionário, está no primeiro ano, a ideia é poder expandir para mais crianças. A mentalidade é justamente essa, que é necessário preservar, as práticas é o ensino da música, da cultura, para transformar as vidas junto a práticas sustentáveis. Estão buscando a geração limpa de energia, barco com motor elétrico, buscando assim



conviver de uma maneira mais harmônica e trazer, além dessas aulas para as crianças, poder envolver também os pais, envolver a comunidade através de informações, saboaria e outras atividades possam trazer emprego, renda e outras perspectivas também. Fez o convite para conhecerem o projeto, divulgou o instagram (orquestra.ribeirinha), disse que já tem algumas coisas, que saíram no “É do Pará”. E estava muito feliz de estar ali e esperava poder somar e ajudar a preservar esse lugar tão maravilhoso, que é o Combu e as ilhas da região.

✓ **Terena fez a apresentação**

- O q é o fórum;
- O que é a COP;
- O que é aquecimento global;
- Quais as consequências das mudanças climáticas;
- O que são gases do efeito estufa;
- Soluções para Belém;
- Estratégias para conter as emissões dos gases de efeito estufa;
- Como as ilhas podem nos ajudar a pensar soluções:

Financiamento Climático;

Promoção da sustentabilidade na agricultura;

Aumento da capacidade de geração de energia renovável;

Melhora da qualidade de vida nas cidades, campos e florestas;

- Brasil: Grande biodiversidade;
- O que é o Plano Municipal Climático;
- Questões climáticas: Universais;
- Deslizamentos, fluxo de resíduos, vendavais, epidemias, enchentes, migrações forçadas, insegurança alimentar, desigualdades;
- Apresentação do mapa de Belém;



Bioeconomia: produção, utilização e conservação de recursos (pensar em alternativas);

- Soluções conjuntas: para propor é preciso => parceria + repertório;
- Obras e soluções;
- Cultivo da ancestralidade;
- Manter a vegetação ativa;
- O papel do verde e das águas;
- Ampliação e a arborização urbana;
- Preservação das ilhas;
- Educação ambiental;
- Utilização das bacias hidrográficas como unidade de planejamento territorial;
- O asfaltamento não é uma prática sustentável;
- Manter o paisagismo produtivo;
- Replântio.

✓ **Joelma abriu as inscrições**

- Mizael (Cooperativa de barqueiros do Murutucum)

Disse que tem orgulho de ver jovens como a Fabiane, que mesmo tão nova já entende as questões climáticas, já entende a realidade. Ressaltou que muito precisa ser feito, que não adianta ter coleta do lixo, se não tem como reciclar, e que o maior poluente da ilha é a própria capital, denunciou que não tem encanamento, nem saneamento, e se a gente não cuidar, não preservar, essa ilha vai se acabar. Pediu um olhar da prefeitura, do poder público, pois eles não têm o principal que é a água, e água é vida, pediu apoio da defesa civil, da prefeitura de Belém, para ter o básico: água e saneamento. Questionou se a COP vai ser só 15 dias e depois o que vai ficar? A ilha vai se beneficiar de alguma forma? Ou as pessoas vão só produzir mais



entulhos e lixos? Disse que não tem um plano de governo que olhe pela ilha, que cada vez mais novas casas vão sendo construídas, sem fiscalização, mais lixo sendo produzido, e como será tratado esse lixo? Cobrou que haja mais fiscalização na ilha. Muitas pessoas não têm nem um barco para comprar um galão de água, têm muitas dificuldades, e a COP não vai resolver nada, se não tiver um trabalho social, um trabalho de orientação das pessoas. Disse que esse espaço para discussão é muito importante, pois muitos vêm até a ilha e não fazem o principal, que é ouvir as lideranças, os moradores, não há discussão pública, cada um chega e faz o que quer, tem que ter fiscalização, que tenha uma COP, mas que tenha um plano de manejo. Questionou o por que não tem uma usina de lixo, deu a sugestão da própria comunidade desenvolver um projeto de reciclagem, pensando nos moradores, que uma COP de verdade só será possível, organizando a casa antes.

- Odilene Souza (Anexo Navegantes)

Falou do prazer de estar participando, disse que a comunidade que ela mora é uma localidade mais afastada, que fica lá no Igarapé do Aurá, que é longe, que não havia representantes da comunidade dela ali, ela mora em frente à escola que trabalha, e essa discussão é importante. Afirmou que eles sempre conversam com os alunos, falam sobre os primeiros passos: criar hortas, trabalhar a limpeza dos rios, que o projeto deles é falar sobre isso, e a ideia é já ir preparando para eles contribuírem com essas mudanças climáticas. Os alunos precisam estar inseridos, os alunos de 4 anos, se perguntar algumas coisas, já falam com eles, já sabem, já têm uma opinião, então é muito importante que estejam inserindo nesses processos de discussões no nosso espaço. Ressaltou que fazem discussões com todos os alunos, com toda a comunidade, que solicitaram até que viessem os alunos do EJA, para eles começarem a se inserir também, que eles têm muita coisa para nos mostrar, sempre que eles abordam temas relacionados as questões climáticas, aproveitam muita coisa do nosso território, falam desse tema com tanto interesse, com tanto prazer, eles falaram sobre uma questão da folha, que eles utilizaram há muito tempo, que poderia ser usada ainda hoje. Afirmou que nesse território tem muita coisa a ser discutida, a ser aproveitada, e a gente precisa levar em consideração. Denunciou



problemas seríssimos com água, que a comunidade capta águas do poço, serve para todos, toda a região, é desse poço que captam água para consumo, porque a água foi poluída pelo lixão, toda essa questão causa muito sofrimento, não tem como consumir essa água. Assim, ressaltou, que é importantíssima essa discussão.

- Diana (Representante do tá selado, da comunidade Navegantes)

Denunciou que onde mora não tem coleta de lixo ainda, não tem água encanada, não tem SOS. Então, eles resolveram se unir e buscar o início do desenvolvimento para a comunidade. Afirmou que onde moram, eles são impactados pelo chorume do lixão, que já causou muitos danos a comunidade, perderam os pés de cacau, perderam o açaí, e estão plantando novamente. Eles moram bem próximo ao Parque do Utinga, moram tão perto da capital, mas as autoridades não olham para eles, deveria ter um olhar diferenciado pelas ilhas. Frisou a alegria gerada com a vinda da COP, porque tem esperança que essa realidade mude. Elogiou a educação, mas disse que precisa melhorar muito mais. E disse que já estão se movimentando, fazendo relatórios para mandar para os órgãos competentes para que venha a água encanada, para que tenha o posto de saúde, porque eles precisam, lá tem mais ou menos umas 150 famílias. Falou da necessidade da coleta do lixo, que isso é imediato, mas que também precisam usar a mão de obra local, porque quando os serviços vão, toda a equipe é montada com pessoas de fora, não empregam as pessoas de dentro da ilha, não emprega um pai de família, é uma carência horrível, muitas pessoas passam necessidade. Destacou que ensina aos filhos dela a importância de preservar, se tiram uma árvore, plantam duas, para que a floresta fique viva e em pé. Falou sobre a rodovia que vai passar por lá e é isso que a comunidade não quer, porque vai acabar com os rios, vai acabar com o resto que já existe dentro do igarapé. Ratificou que já questionaram a construção da estrada, porque não vão poder ter acesso, mas que a energia pode passar pela fiação da linha que já existe, e que não precisa mais ser licenciado e nem desmatado, então não existe dificuldade, é só resolver. Disse também que a COSANPA não tem porque dificultar a questão da água, pois está tão perto a distância entre o igarapé e a COSANPA não dá cinco metros. Afirmou que o local é



o igarapé do Aurá, que é conhecido como comunidade Nossa Senhora dos Navegantes. Agradeceu a oportunidade de poder falar.

- Danielson Costa (Do igarapé Aurá, comunidade Navegantes)

Disse que eles não são muito diferentes da ilha do Combu. A diferença das pessoas que moram no Igarapé Aurá para ilha do Combu é que a ilha do Combu está no topo, é vista com bons olhos e as outras apenas existem ao redor, com poucos olhos para elas. Afirmou que a situação deles é um pouco pior porque moram abaixo de um lixão. A água é totalmente poluída, não tem água potável, não tem saneamento básico, não tem uma estrada de saída ou para chegar na escola. Disse que eles têm um poço que a comunidade cavou, que captam água para que venha a sustentabilidade da comunidade. A comunidade navegante tem 130 famílias, e é atendida pela prefeitura de Belém, o único benefício que tem da prefeitura de Belém é a escola. Denunciou que não tem postos de saúde, não tem ACS. Assim como foi falado que é preciso respeitar o Combu, se reeducar e respeitar, assim também dentro da comunidade Navegantes no Aurá, nas outras ilhas, precisamos respeitar, até porque muitas das vezes os próprios empresários entram e não perguntam, além das pessoas das outras ilhas que têm poder e entram e também não perguntam. Ressaltou que para proteger a natureza, e o clima não mudar, a gente tem que valorizar quem está lá dentro, porque não adianta você falar sobre reeducação, não adianta falar sobre saneamento, se eles não forem ouvidos. Reiterou que são uma área de proteção ambiental, próximo do Parque do Utinga, que é a jurisdição da Embrapa, mas ninguém vai lá para dizer como devem plantar, ninguém vai lá para dizer 'olha a semente está aqui', ninguém vai lá para dizer 'vamos educar'. Pediu um olhar mais atento pelo Aurá. Ressaltou a questão do desemprego, que cada pai de família que se emprega lá dentro, é alguém que sai da pobreza, que sai da necessidade, que as pessoas que trabalham lá vêm de fora, ou das outras ilhas, ou de Belém, ressaltou então que necessitam que o emprego fique lá. Se a renda, o emprego é gerado lá, por que a renda não fica lá? Fez alguns questionamentos, por exemplo, lá tem uma coleta de lixo, o barco passa, por que não deixar a coleta com a população? Por que não deixar o barco lá? Por que empregar o fulano de outro



lugar? Por que colocar o sicrano? Porque eles estão ali e podem ser mão de obra, pois estão gerando emprego, mas não é pra eles e a renda sai. Disse que os processos de PSS devem ser feitos internamente, nas ilhas, pois muitas vezes as pessoas fazem para trabalhar como professores e não passam e pessoas de fora ficam com as vagas. Reivindicou que não tem ACS, que antes havia uma pessoa dentro do igarapé, que ela remava, sabia funcionar o motor e andava nessas comunidades, sendo um ACS, mas como houve o PSS, ela não passou. Assim a outra pessoa chamada não foi mais, porque alega não saber nadar, não saber remar, e a comunidade que sofre. Frisou que leva duas horas de viagem do igarapé até o Combu, que moram uma hora e meia até o Verdejante, onde podem ser atendidos, mas infelizmente eles não conseguem, principalmente quando a maré está seca, ficando totalmente sem nenhum socorro. E fez uma denúncia, sobre a via da liberdade que vai cortar o igarapé ao meio, que o impacto ambiental vai ser grande, mas as grandes empresas, junto com a CETRAN, estão nos “enfiando goela abaixo”. Então se não tiver a ajuda do poder público, a comunidade vai ficar como está, como nada. Passaram duas estradas de torre e não deixaram nada para a comunidade. Agradeceu a presença do fórum e pediu que olhem por eles, olhem pela comunidade Navegantes.

- Charles

Falou que trabalha com turismo de base comunitária, que recebe pessoas do mundo inteiro, que sempre está contando um pouco sobre a vida dele, sobre a sua vivência dentro da floresta e as suas histórias, que há seis anos virou uma chave na sua história, antes era um desmatador da floresta, trabalhava desmatando, como operador de motosserra. Depois de uma batalha saiu desse trabalho. Hoje ele é um empreendedor dentro da ilha, vive com tudo que a floresta produz, hoje ele enxerga que a floresta vale mais em pé do que no chão. Antigamente ele chegava no pé das árvores que levaram cem anos, cento e poucos anos para crescer e em dez, quinze minutos as jogava no chão, mas era o que ele sabia fazer naquele momento, era daí que tirava a sua renda. E hoje vive de uma forma diferente, e está conseguindo conscientizar os filhos que eles têm que preservar também, hoje eles estão também



nessa, valorizando a floresta, contando histórias sobre o que ela representa para todos. A preservação é muito importante. Afirmou que tem dois tipos de turismo, um que vem para somar, que chega e deixa água para eles, que respeita e preserva, e outro que vem para devastar, que não respeita a natureza e devasta a ilha, é o turismo predador, que chega para destruir, para sujar, para colocar o ribeirão no fundo, que não conseguem pescar mais, nem camarão, nem peixe, porque esses jet-ski, lanchas, tudo passa em alta velocidade e não tem quem fiscalize, e para toda a comunidade isso é muito preocupante, essa situação dentro da ilha precisa de fiscalização.

Marinor explicou o que é o comitê popular, que é um comitê de resistência. Falou que o que diz respeito a prefeitura, tudo que for relacionado a SEMMA, a Sesma, a Defensoria será levado para as secretarias, os secretários serão provocados para que as soluções sejam planejadas.

✓ **Tivemos 12 pessoas inscritas no Comitê Popular**

Belém, 17 de maio de 2024

Equipe Técnica:

Responsável pelo relatório: **Amanda Freitas**

Revisão e padronização: **Amanda Freitas**